

CALEIDOSCÓPIO

NOTÍCIAS
NOTÍCIA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Título da Dissertação:

O Eu Construído. Identidade Pessoal e Consciência de Si

Autora: Maria Amélia Faia

Orientador: Eduardo Prado Coelho

Data da defesa:

1 de Outubro de 2001

Instituição:

Departamento de Ciências da Comunicação
Universidade Nova de Lisboa/ FCSH

Resumo

O problema da identidade pessoal, apresentado na nossa dissertação, tem como preocupação central discernir as condições que viabilizam a sua construção e permanência através do tempo, tendo como paradigma de interpretação o problema da relação do sujeito consigo próprio, com os outros e com o universo simbólico duma determinada época histórica.

Assim, a identidade pessoal surge-nos indissociável da respectiva relação com o contexto sócio-cultural da contemporaneidade, onde a coexistência de múltiplos e díspares *quadros de referência*, impulsionam o eu em direcções distintas, provocando a sua exposição a modelos, valores e estilos de vida diferentes, por vezes até antagónicos, pela proliferação e intensificação dos processos de interacção social.

A interioridade do sujeito existencial está agora “colonizada” por uma pluralidade de

vozes, que concorrem entre si reclamando o seu direito à existência. Neste contexto, defendemos a ideia de que compete ao sujeito retirar de cada uma delas os elementos pertinentes que permitam a elaboração dos conteúdos pessoais da sua própria interioridade, ou seja, compete ao eu fazer uma *síntese hermenêutica de carácter egológico* que permita delinear os contornos de uma subjectividade distinta das demais.

Esta ideia de identidade enquanto *projecto pessoal*, construído reflexivamente, dá origem a uma biografia organizada e coerente, uma escolha sempre provisória e continuamente revisitada entre *mundos possíveis* ou *estados possíveis do mundo e do eu*. É um processo individual de *construção da identidade e do sentido*, que transforma a “procura de si” num exercício constante de autoquestionamento existencial.

Neste contexto, a interioridade contemporânea emerge a partir de uma rede de relações múltiplas que confrontam o eu com uma variedade enorme de experiências e situações existenciais, requerendo a capacidade e a elasticidade subjectivas necessárias a uma permanente interpretação do mundo e de si próprio, gerando um sujeito simultaneamente múltiplo e integrado, dotado de razão e de imaginação, capaz de construir e recriar continuamente novas formas constitutivas de si.

No nosso trabalho, o problema da identidade pessoal não é perspectivado segundo uma concepção essencialista ou substancialista, baseada na imutabilidade dos indivíduos, mas sim numa *perspectiva processual*, segundo a qual a identidade é uma *construção em permanente devir*, uma consciência de si e da respectiva temporalidade.

Neste sentido, o eu da contemporaneidade deve ser entendido como um *processo em curso*, uma identidade pluridimensional, que se

constrói e desconstrói sem cessar, no âmago das diferentes relações que estabelece, quer consigo próprio (problema da reflexividade e da consciência de si), quer com os outros (problema da linguagem e da intersubjectividade comunicacional), quer ainda da ética e da orientação para o bem. Assim, a identidade pessoal é inseparável do conceito de alteridade, sendo o *outro* interno (dialogicidade da consciência de si) ou externo (intersubjectividade comunicacional).

Esta concepção da identidade como construção e multiplicidade – *construtivismo subjectivo* – que defendemos no nosso trabalho, requer uma “gestão” correcta das diversas facetas do eu, actualizadas em função de contextos de interacção específicos, no sentido do auto-aperfeiçoamento de si, pela edificação e revisão constantes de uma *matriz identitária* forte e diferenciadora.

Esta deve ser entendida não num sentido mecanicista, mas enquanto *matriz em aberto*, que se vai desdobrando e desocultando no fluir da temporalidade, onde coexistem vários critérios de unidade, várias modalidades de existir, segundo uma manifestação sucessiva de traços identitários actuais e inactuais, que se fenomenalizam ao longo do tempo num horizonte de experiência possível.

Estamos pois a falar de uma *subjectividade sem sujeito*, no sentido em que não é uma subjectividade logocêntrica, não se desenha a partir da ideia clássica de unidade, nem se fundamenta num critério único de verdade. Antes se constitui através de um movimento contínuo gerador de novas formas de ser e modalidades de existir, no espaço das suas práticas e no horizonte das suas problematizações.

É uma *subjectividade enraizada no mundo*, dialógica e relacional, que vai efectuando sínteses progressivas do seu trajecto existen-

cial, através da dialéctica constante entre identidade e memória, enquanto forma de configuração e reconfiguração narrativa dos acontecimentos passados, da acção presente e das expectativas futuras, numa preocupação constante de autoconstrução de um sentido para a vida e para si próprio.

A identidade pessoal enquanto *matriz egológica* que se constitui e reconstitui sem cessar ao longo do tempo é também um acréscimo de ser, um poder ainda vir a ser, reque-rendo por isso a assunção criativa da fragmentação do eu, num exercício permanente de reflexividade e narratividade, através do qual se ordena a temporalidade aleatória e episódica dos acontecimentos numa totalidade significativa que conta a *história de uma vida*.

Neste contexto, a ficcionalidade surge como instância de mediação eu-mundo, permitindo a formulação das inquietações e ambivalências do sujeito existencial num outro patamar ou nível discursivo, essencialmente metafórico e hermenêutico, pela retorização do problema original. A conversão do problema numa *história* permite ao sujeito re-interpretar a realidade para além da mera referencialidade, desvendando significados outros e configurando a sua polissemia intrínseca. A ficcionalidade surge então como *poética do tempo reencontrado*, descoberta e assunção de facetas insuspeitadas da identidade pessoal, pela reabilitação hermenêutico-criativa do passado, a qual possibilita a compreensão do presente e a perspectivação da acção futura.

Esta constituição interpretativa de si a partir dos “testemunhos” da sua própria actividade é inseparável do exercício da “suspeita” e da provocação, no sentido em que o sujeito existencial não deve aceitar pacificamente as primeiras manifestações que acedem à consciência, mas submetê-las ao exercício da dúvida, enquanto forma de procura

NOTÍCIAS

CALEIDOSCÓPIO

das motivações mais profundas e autênticas do seu próprio ser, estimuladas não só pela vontade como também pela afectividade, pela associação involuntária ou pela repetição convulsiva.

A identidade pessoal enquanto construção e desconstrução permanentes de um eu simultaneamente múltiplo e integrado é, assim, o resultado de uma vida examinada, interpretada e narrada, de um si que se vê a si mesmo como um *outro* sempre possível.